

O ANTIGO ASILO DE INVÁLIDOS NA ADMINISTRAÇÃO OROSIMBO MAIA

Duílio BATTISTONI FILHO

Campinas no último quartel do século passado teve uma participação brilhante na vida econômica da Província de São Paulo, como centro ferroviário e cafeeiro a ponto de atrair pessoas de diversas localidades para aqui vinham em busca de uma oportunidade.

Entretanto, à medida que a cidade prosperava, aumentavam os problemas de moradia chegando a preocupar as autoridades municipais, especialmente no tocante ao problema da proliferação de cortiços, Estes já constituíam um grave problema social, de forma que as famílias de bem, assim como os médicos, viam estes imundos pardieiros como atentados à higiene e à moral.

Nesta ocasião os relatórios médicos permitem demonstrar que os cortiços são vistos como locais de promiscuidade, doença e valhacouto da marginalidade e do crime. A desordem e a imoralidade chegavam a campear nestes locais, focos também de doenças venéreas.

Outro problema grave era a sujeira que infestava praças e ruas da cidade. Basta dizer que o serviço de renovação domiciliar era precaríssimo. Diariamente as carroças percorriam os bairros levando pelas ruas, sem qualquer cuidado, o seu fétido transporte.

De nada adiantavam os clamores da imprensa. Os próprios detentos da Cadeia Velha, todos os dias de manhã, levavam os cubos sanitários para serem despejados na praça Carlos Gomes, exalando terrível mau cheiro, principalmente na época de calor.

Situação pior e dramática era o sepultamento de indigentes nos cemitérios locais, quando muitos deles eram enterrados à flor da terra, mal encobertos, oferecendo um espetáculo dantesco e aterrorizador.

O pouco caso das autoridades campineiras, sempre alheias ao problema higiênico, deu margem a que houvesse no final da década de 80, a epidemia da febre amarela, obrigando muitos campineiros a mudar de residência para outras localidades. Foi uma época negra na história campineira. Todavia, a situação não era diferente nos grandes centros brasileiros, especialmente nas cidades portuárias.

Com a implantação da República, as autoridades brasileiras criam órgãos públicos encarregados de fiscalizar de uma maneira mais efetiva através da medicina e do controle sanitário, toda a saúde da população. Assim, o médico sanitarista Emílio Ribas (1862-1925) dirige em 1892 o Serviço Sanitário que passa a melhorar as condições higiênicas do Estado de São Paulo e graças aos seus esforços dois anos mais tarde é aprovado o Código Sanitário. Isto teve reflexos em Campinas, quando, em 1896, foi criada uma Comissão Sanitária encarregada de zelar pela saúde pública. Logo, uma das primeiras decisões tomadas pelos seus funcionários foi o de reformar o antigo prédio do Mercado Grande, para ali instalar o Desinfetório Central e, graças às recomendações de Emílio Ribas houve a drenagem dos pântanos e a canalização dos córregos¹.

Passado o perigo da febre amarela e com as novas medidas sanitárias tomadas, entretanto, no final do século, a cidade foi ameaçada por levas de forasteiros, negros libertos com toda sua história de degradação moral, aventureiros, pobres amontoados nos cortiços, além de velhos desamparados e mendigos jogados à própria sorte.

Aos olhos das autoridades públicas, contudo, os dois últimos segmentos da população representam setores improdutivos quando deixam o afeto do grupo familiar. Assim, como os pobres, vagam pelas ruas livremente, incorporados a uma paisagem urbana que com o tempo começa a se modificar.

Com o crescimento da cidade são vistos perambulando pelas ruas vivendo da caridade pública e chamam a atenção de diferentes setores da população que pedem a amenização do problema.

O jornalista Antonio Sarmiento (1850-1924) sensível ao problema, publica nas páginas do "Diário de Campinas" um artigo chamando a atenção das autoridades sobre o grave problema da mendicidade e a necessidade de se criar no Município um Asilo que abrigasse os desvalidos da sorte. Entre outras coisas o articulista dizia: "... que a criação do Asylo não é, portanto, uma idéia exclusivamente nossa, ella pertence a imprensa local, a todas as classes, a todos que vierem em seu auxílio, a Campinas finalmente (...). O nosso desejo é que Campinas tenha um Asylo que corresponda aos sentimentos de caridade e altruismo que tanto a engrandecem (...). As scenas que por ahi se passam nos casebres, nas ruas, nas praças publicas ora são comoventes, ora desagradáveis, ora deprimentes do meio civilizado em que vivemos (...). O unico meio de remediar o mal é o Asylo. Os que forem dignos da caridade publica terão alli agasalho e conforto que lhes não devem ser negados. Os outros, os vagabundos terão a polficia no encalço e a escusa de toda a população"².

(1) Lycurgo de Castro Santos Filho. CAMPINAS (Evolução Histórica). Publicação da Academia Campinense de Letras, 1969, vol. 19, p. 40.

(2) Antonio Sarmiento. O ASYLO DE MENDICIDADE. Diário de Campinas, 22-01-1899, p. 1.

Apesar dos esforços do jornalista não houve boa vontade por parte das autoridades. O assunto voltou à baila somente, em 1904, quando o Dr. Paulo Machado Florence, delegado de polícia, cidadão íntegro e amigo das boas causas, resolveu encetar uma campanha enérgica em pról da criação de uma Instituição que resolvesse tão crucial problema.

Imediatamente formou-se uma Comissão Central composta de cidadãos eminentes da cidade e que seriam os sócios fundadores, destacando-se, entre eles, o próprio Dr. Florence e mais Orosimbo Maia, Joaquim Villac, Antonio Sarmento, Bento Quirino dos Santos e padre Manuel Ribas de Ávila.

Presidindo a primeira reunião, a 25 de julho, numa das salas da Delegacia de Polícia, o Dr. Florence, agradece as presenças, conclama a união de todos sobre a necessidade urgente da concretização de tão nobre ideal há muito sonhado pela população campineira e que medidas saneadoras seriam tomadas para alijar das ruas os pobres inválidos que as infestavam trazendo com isso, as vantagens, benefícios e utilidade que uma Casa deste porte proporciona.³

A notícia da fundação do Asilo correu célere em todos os cantos da cidade. Campinas, finalmente, teria um lar para os velhos e indigentes. Entretanto, um infausto acontecimento abalaria a todos: a morte, em dezembro do Dr. Florence, principal articulador do movimento e presidente da Comissão fundadora. A Câmara Municipal, numa de suas sessões fez constar em ata, um voto de profundo pesar pelo desaparecimento de tão nobre figura.

A 9 de julho de 1905 foi realizada uma segunda reunião, quando então se propôs a discussão do projeto dos novos Estatutos que, por proposta de Bento Quirino dos Santos, tinham sido redigidos por Antonio Sarmento. Antonio Lobo pede uma leitura minuciosa e uma discussão de todos os artigos. Após calorosos debates e emendas feitas pelo próprio Lobo, a redação final coube a Alberto Sarmento.

Os Estatutos, aprovados numa reunião a 20 de setembro, apresentam onze capítulos e quarenta e quatro artigos. No artigo 1º diz "que o Asylo fica constituído com o fim de internar, proteger, vestir e sustentar os invalidos do trabalho, que aceitem sem constrangimento algum ou procurem espontaneamente asylo, submettendo-se ao seu Regulamento"⁴. No capítulo 2º, art. 2º, atesta o caráter humanitário da associação e que "será mantida por número illimitado de socios de ambos os sexos, sem distincção de nacionalidade, de classe social ou de crença religiosa, que queiram concorrer com os seus obulos ou contribuições mensaes, e pelos subsidios concedidos pelos poderes públicos e pelas rendas de seus capitães e propriedades"⁵.

(3) Asylo de Inválidos, Actas de reuniões da Directoria e Assembleias, 1904-1914, p. 1.

(4) Estatutos do Asylo de Invalidos de Campinas. Typographia Livro Azul, 1905, p. 3.

(5) Idem, p. 4.

Anualmente, em janeiro, assim o exigiam as disposições estatutárias, era convocada a Assembléa Geral para prestação de contas e eleições da Diretoria para o ano em curso. Esta podia ser convocada em caráter extraordinário a pedido da Diretoria⁶. Podemos perceber que as Atas eram lavradas de forma muito sucinta e pouco diziam sobre os assuntos tratados.

A 13 de agosto de 1905 os sócios fundadores elegem a primeira Diretoria definitiva do Asilo de Inválidos, assim constituída: Orosimbo Maia, presidente; Alberto Sarmento, vice-presidente; Joaquim Villac, 1º secretário; Tito Martins Ferreira, 2º secretário; Antonio Egidio Nogueira, tesoureiro e Joaquim de Farias Cardoso, procurador⁷.

Empossada a 18 de agosto, a Diretoria adquiriu nos arredores do Bonfim, a chácara República, de 21 alqueires, desde 1889, desmembrada da Fazenda Boa Vista, e de propriedade do capitão Bento Augusto de Almeida Bicudo que a vendeu pela quantia de 35:000\$ 000. Como a Diretoria possuía somente 10:000\$ 000 resolveu tomar o restante do empréstimo ao Banco Comércio e Indústria⁸. Nesta ocasião foi apresentado requerimento dirigido ao governo do Estado e prontamente atendido, pedindo isenção do pagamento do imposto de transmissão de propriedade de imóveis.

Todos ressaltaram a beleza do lugar e a excelência das instalações, sobressaindo-se o edifício “amplo, recebendo o ar e o sol por muitas janellas. Olha de frente para a campina rasa; em torno são os canteiros dos jardins, ao fundo estende-se o pomar riquíssimo onde as mangueiras alargam sombras deliciosas”⁹.

Em reunião de 2 de dezembro marcou-se o dia 10 para a inauguração oficial do Asilo. Naquele dia comparaceram mais de duas mil pessoas de todas as classes sociais, muitas vindas em trem especial.

Às 15h45min a sessão foi aberta pelo Dr. Antonio Sarmento que deu a palavra ao Dr. Sarmento que em sua oração, exaltou que o Asilo é obra anônima da caridade campineira e, em nome da Diretoria dizia que a fundação é também obra do pobre e do rico, em todos encontrará a maior boa vontade e apoio. Uma coisa chamou a atenção de todos: a ausência das autoridades municipais ao evento. Neste mesmo dia, Orosimbo Maia autoriza a internação de 15 pessoas e dez dias mais tarde, a pedido da Santa Casa de Misericórdia, mais 16.

Já instalados, os asilados começam a receber os seus uniformes. Para os homens: calças, ceroulas, camisa e blusa escura; para as mulheres:

(6) Idem, p. 13.

(7) Leopoldo Amaral. CAMPINAS — Recordações. Secção de Obras d'O Estado de São Paulo, 1927, p. 400.

(8) Livro de Contabilidade, 1904 a 1930, p. 7.

(9) O Asylo de Invalidos de Campinas. Revista Renascença. Rio de Janeiro, março de 1906, p. 104.

blusa, saia de baixo e de cima, além do paletó. Cada asilado deveria ter direito a quatro uniformes, sendo três, para uso diário e um para os dias de festa, ficando o procurador Joaquim Cardoso autorizado a fazer a compra dos mesmos. Nesta ocasião, uma grande doação foi feita pela fábrica de tecidos Carioba.

A 24 deste mês, visitou a nova Instituição o médico sanitarista, Emílio Ribas, que percorreu as instalações do prédio, mostrando-se interessado por tudo, pedindo informações sobre a assistência, dados estatísticos e ao sair apôs suas impressões no livro de visitas. Mais tarde, faria importante doação de mais de 40 leitos.

Antes de entrarmos na história do Asilo nestes primeiros tempos, temos o dever de ressaltar a obra benemerita deste humanista e talvez a figura mais importante desta primeira fase da nova Casa: Orosimbo Maia. Foi presidente da Associação de 1906 a 1919, com exceção de 1909 quando por motivos particulares não pôde presidir os seus destinos. Este emérito campineiro (1861-1939) desde cedo estava fadado a ajudar o próximo e a sua cidade. Sabe-se que aos vinte anos ingressou na vida pública, fazendo parte do Conselho dos Intendentes de Campinas presidido pelo Dr. Thomas Alves. Pertenceu, pois, ao último Conselho de Intendentes da cidade, até setembro de 1892, quando tomou posse a primeira Câmara Municipal nos períodos de 1896-1898 e 1902-1904. Foi prefeito municipal pela primeira vez, em 1908, permanecendo dois anos, cargo que ocuparia novamente de 1926 a 1930. Após sua reeleição por três vezes como prefeito, foi destituído com o movimento de 30, sendo, porém, novamente chamado em 1931, pelo interventor federal, João Alberto. Nessa ocasião, dando mostras de firmeza de suas atitudes e dessassombro, declarou perante esta autoridade, que aceitava a Prefeitura de Campinas sob uma condição: não abdicar de suas convicções, pois sendo presidente do Partido Republicano Paulista, continuaria adepto de sua linha política. Permaneceu no cargo até 1932. Deixou de vez a política antes do advento do Estado Novo.

Em sua administração deixou obras marcantes, dentre elas, o Colégio Progresso, a Maternidade, o Mercado Municipal, o calçamento de mosaico português (iniciado no Largo do Rosário), a instalação das primeiras feiras livres, além de ter sido fundador e sócio benemerito do Asilo de Inválidos, do Hospital dos Morféticos, extinto com a transferência dos enfermos para o Leprosário de Pirapitingui, da Casa de Saúde Campinas, da Beneficência Portuguesa, a par de suas atividades como presidente do Instituto Profissional Bento Quirino e sócio honorário do Instituto Geográfico de Lisboa. Além de todas estas atividades, o que mais nos chama a atenção foi o seu espírito filantrópico, com a prática do bem, escondido sob o anonimato. Sua presença empolgava a todos.

Voltemos ao Asilo. Pouco depois de sua inauguração, as Atas informam sobre os primeiros donativos recebidos e que seriam o começo

de uma série em que o espírito caritativo do campineiro e sua prodigalidade continuariam a se manifestar e que perdurariam por muitos anos: Rafael Duarte, 50\$000; Pedro Anderson, 138\$000; D. João Nery, 200\$000; Cândido Ferreira da Silva Camargo, 50\$000; Padaria Aurora, 10\$000.

Alguns donativos são bastante curiosos em nossos dias, como a oferta de “um quarto de carne de vaca”, “uma máquina de cortar cabelo”, “um quilo de fumo”, “um maço de fósforos” ou a oferta de “um cavalo” doação de d^a Carolina Ferraz de Camargo.

O primeiro problema enfrentado pela Diretoria em 1906, foi a reforma de algumas instalações do prédio para modestamente se ajustar à finalidade a que estava destinado. Assim, nos fundos do primeiro salão iriam permanecer uma enfermaria e dois banheiros. Procedeu-se também ao serviço de nivelamento do quintal.

Voltada igualmente para as atividades religiosas, a Diretoria encarregou Alvaro Ribeiro de angariar fundos para a instalação de uma capela. Pouco depois, esta funcionaria provisoriamente no pavilhão masculino. O atendimento religioso era feito pelo padre holandês, Nicolau Rujter, da Ordem dos Missionários do Coração de Jesus, da paróquia da Vila Industrial. Eventualmente, também, os padres da Igreja do Rosário e do Bonfim prestavam assistência religiosa. O fervor religioso se acentuou, quando em 1910, d. João Nery, bispo de Campinas aprovou a celebração de uma missa mensal na capela¹⁰.

Na festa do primeiro aniversário, o Asilo já contava com a completa canalização de seus esgotos, postes telegráficos e um razoável patrimônio proveniente da compra de 115 ações da Companhia Campineira de Águas e Esgotos pela quantia de 11\$500000¹¹.

A administração neste primeiro ano teve um bom desempenho apesar de algumas dificuldades financeiras. Entretanto, os obstáculos são transpostos galhardamente através de promoção de festas, campanhas de donativos, etc. A receita, até certo ponto era assegurada por pequena dotação estadual, aluguel de casas e de pastos e donativos provenientes de famílias abastadas, ricos comerciantes, proporcionando desta maneira pequeno saldo em caixa. Orosimbo Maia, homem prático, experimentado, encarou com otimismo e disposição os óbices que vez por outra se lhe antolhavam, porém, graças ao seu elevado prestígio pessoal, excelente relacionamento e, sobretudo, pelos puros sentimentos de caridade abrigados em seu coração a tudo transpôs com alegria.

(10) Funcionando inicialmente na antiga senzala que servia de pavilhão dos homens, somente em 1929 a capela passaria para a sede principal. A inauguração da nova capela contou com a presença de D. Francisco de Campos Barreto, que celebrou a missa no altar doado pelo Hospital da Beneficência Portuguesa.

(11) Livro da Contabilidade, 1904 e 1930, p. 27.

Compulsando o Livro de Visitas da veneranda Instituição chamou-nos a atenção o grande número de visitantes. Dentre eles, destaca-se a visita, a 26 de julho, de Washington Lufs, futuro presidente da República.

Dispondo de certa estabilidade econômico-financeira, contando com a firmeza da moeda, a Sociedade conheceu dias tranqüilos e normalmente viu decorrer o ano de 1907. Por proposta de Álvaro Ribeiro, todos os membros da Diretoria passaram a sócios beneméritos. Neste ano, o Rink e o São Carlos, renomados teatros da cidade, contribuíram generosamente doando parte da renda de seus espetáculos em benefício dos asilados.

No exercício de 1908 promoveu-se a vacinação geral nos 80 asilados. O patrimônio elevou-se com a quantia de 7:976\$000 em caixa e mais 227 letras. Antonio Correia de Lemos doou duas letras da Câmara Municipal e mais quarenta mil réis em coupons.

Na rotina normal, sem nada que viesse quebrar a harmonia reinante no cotidiano da Casa, decorreu o ano de 1909, ano, aliás, em que Orosimbo Maia não participou da Diretoria, ocupando a presidência o Dr. Joaquim Alvaro de Souza Camargo, Neste ano foi construído o Necrotério e todos os edifícios foram reformados e pintados. Segundo o Relatório apresentado no final do exercício a tesouraria informou ter recebido 35\$000 de 7.000 coupons da Companhia Carris de Ferro e 908\$000 de juros de 227 letras da Câmara Municipal, importância depositada no Banco Comércio e Indústria. Por intermédio de Antonio Sarmento, a Loja Maçônica Independente fez avultada doação de 31\$500.000.

Nestes primeiros tempos o serviço médico foi prestado com todo zelo, abnegação e solicitude, pelos humanitários facultativos Drs Suza Brito e Otávio Marcondes Machado. Não havia enfermeiras. Nos casos mais graves, os doentes eram removidos para a Santa Casa de Misericórdia.

As Atas registram poucos casos de alienação mental entre os asilados e pelo fato de a Casa não estar aparelhada, os doentes eram encaminhados para o Juquery. O secretário Joaquim Villac em ofício de 16 de maio, expedido ao delegado de polícia, Dr. Evandro Correia de Melo, solicitou a remoção de Sebastião Cardoso da Silva, brasileiro de 36 anos, "indivíduo inconveniente e não obedece a ordem e a disciplina"¹². Um ano mais tarde, a pedido da Diretoria, o delegado Alberto de Faria providenciava a internação no Juquery, de duas mulheres, Maria Thereza e Benedita Rufina, por apresentarem sinais de debilidade mental. Todavia, são casos raros.

O exercício de 1910 decorreu normalmente. O cargo de presidente voltou a ser ocupado por Orosimbo Maia que, entretanto, lamentou a pequena quantidade de sócios, diminuindo conseqüentemente a re-

(12) Asylo de Invalidos, Officios e Representações, 1905 a 1910, p. 8.

ceita. Assim mesmo nomeou o sr. Luís Antonio Assumpção Leite (1871-1944) diretor administrativo, cargo que ocupará durante trinta e dois anos, com zelo e dedicação. Dotado de espírito pragmático empreendeu uma reforma agrícola e uma de suas primeiras providências foi contratar os trabalhos do agrônomo francês, Benoit Foret, funcionário do Instituto Agrônômico de Campinas, para reformar todo o pomar do Asilo. Assim, introduziu plantações de morango, melhorou a qualidade das laranjas e das uvas, especialmente as brancas. Devotando grande amizade ao diretor, Foret, chegou a morar no Asilo até a sua morte. Dotado de grandes conhecimentos, foi poderoso agente da cultura francesa entre os fazendeiros da região, pois assinava revistas famosas, como a "Revue de Deux Mondes" e "L'Illustration".

Outra marca da personalidade do sr. Luís Antonio era o seu amor à Música, tanto é verdade que todos os domingos promovia sessões musicais com a participação de famílias do bairro e de alguns amigos alemães, entre eles, Max Demmel, professor de piano e violino, muito conceituado na época.

Nesse ano contava o Asilo com 106 asilados. Os homens faziam pequenos serviços, além de plantar e colher. Eram atendidos pelos barbeiros do bairro. Neste período, a situação econômica era angustiante, com gastos altíssimos e a renda das mensalidades dos sócios, baixíssima, obrigando a Diretoria a recorrer a empréstimos bancários.

Em 1911 as sessões que eram bi-mensais, passaram a ser mensais. Neste ano assinou-se contrato com a Estrada de Ferro Sorocabana para a venda de 49.110ms² de terrenos do pasto para a passagem da linha Itaiçi-Campinas à razão de seiscentos mil réis o metro e pela quantia de 29\$466\$000.

Tal a dedicação de Orosimbo Maia que o procurador João Nogueira solicitou constasse de ata voto de louvor ao ilustre homem público. Sempre modesto, Orosimbo dizia que "seus atos são sempre em nome da Diretoria e nunca dele".

Neste ano a 9 de janeiro recebeu o Asilo a visita do Conselheiro Rui Barbosa e exma. esposa, Dona Maria Augusta. O ilustre casal visitou as dependências, louvou o esforço e dedicação de todos e no Livro de Visitas, p. 60, deixou suas impressões, que pela sua beleza literária, merecem ser transcritas. Dizia o Conselheiro: "Todos os serviços deste estabelecimento refletem o espírito de caridade, que inspirou esta generosa criação da iniciativa particular tão honrosa à civilização de Campinas e tão digna da proteção das almas bem formadas. Em tudo aqui transluz, com singeleza, a hygiene, a ordem, o methodo, o asseio, a sympathia pelos soffrimentos humanos, envolvendo as miserias da invalidez numa atmospheria de hum agazalho e bondade consoladora. Seja-me permittido

felicitar os dignos administradores desta Casa pelos milagres do seu zelo e pelos benefícios da sua devoção". Janeiro, 9, de 1911 — Rui Barbosa.

A pequena renda provinda da mensalidade dos sócios, eventuais donativos, a subvenção do Estado e acima a benemerência do Presidente, trazem estabilidade à vida da instituição que, tranquilamente, vê o decurso dos anos de 1912 a 1914. O grande donativo de 1912 provém da União no montante de 1:900\$000. Iniciaram-se as reformas das valas para fechamento do pasto. No exercício de 1913, Orosimbo solicitou que somente os juros fossem retirados do capital depositado no Banco Comércio e Indústria. Com pulso forte e corajoso proibiu a entrada de bebidas alcoólicas no recinto. Nestes dois anos as Atas não especificam nada de importante.

Para o ano de 1914 benfeitorias são introduzidas, entre elas, a luz elétrica em substituição aos lampiões. O presidente manda expedir um ofício ao dr. Antonio Lobo, deputado estadual, agradecendo os préstimos do ilustre parlamentar, ao receber o auxílio do orçamento do Estado e das cotas de benefício da Loteria Federal.

Refletiu intensamente no mundo todo a crise trazida pela Primeira Guerra Mundial, na Europa. Lutou heroicamente a Diretoria para manter os asilados, em número de 134, e a continuação das obras. Com a criação da "Comissão de Socorros Campinas" cujo presidente, o pastor Erasmo Braga, fez importante doação de 828\$000, além de vários gêneros alimentícios. Recebeu também o Asilo, debêntures da Cia Tração, Luz e Força, adquiridos em São Paulo a 76\$000 cada, ou seja, um total de 6:612\$000.

No final do ano desaparece uma das figuras mais importantes da sociedade e do comércio de Campinas: Bento Quirino dos Santos. Nascido em 1837, entusiasta das nobres causas, colaborador do Asilo, solícito, sempre pronto para o desempenho de qualquer tarefa que lhe fosse confiada, seu passamento consternou profundamente a todos quantos com ele privavam. O reconhecimento veio de imediato, pois a 18 de abril de 1915, a pedido de Orosimbo, o pintor Monteiro França fez o seu retrato a óleo que ornaria o salão de visitas da Casa.

Bento Quirino legou ao Asilo, como consta em seu testamento¹³ a quantia de 50\$000 e mais 114 ações da Cia Mogiana de Estradas de Ferro, avaliadas em 27018\$000 e mais 229 ações da Cia Campineira de Água e Esgotos avaliadas em 22:\$000.

Carlos Gerin, o tesoureiro, adquiriu 41 letras da Câmara Municipal elevando-se assim o número de títulos pertencentes ao Asilo num total de 700 e que eram recolhidos ao Banco Comércio e Indústria não podendo ninguém resgatá-los sem ordem expressa da Assembléia Geral.

(13) *Asylo de invalidos, Actas de reuniões da Directoria e Assembleias, 1914-1922, p. 83.*

No mês de agosto há uma ameaça de crise na Instituição com a diminuição das contribuições dos sócios e o aumento assustador dos compromissos e responsabilidades e uma crescente diminuição das fontes financeiras. A situação ameniza um pouco com a doação de 500\$000 por parte do Guarani Futebol Clube proveniente de uma partida de futebol e ao clube é outorgado o título de sócio remido.

O balancete mensal de dezembro acusa uma sensível melhoria com o saldo de 2:176\$220 depositado no Banco Comércio e Indústria; 700 letras da Câmara Municipal, 465 debêntures da Companhia Campineira Tração, Luz e Força, 5 ações da Cia Mogiana e 119 ações da Companhia Campineira de Águas e Esgotos.

Em 1916 continuaram as obras de ampliação do Asilo, apesar de ser um período conturbado, financeiramente falando. São constantes os pedidos de subvenção ao governo estadual. Entretanto, importante doação é feita pelo bispo de Fortaleza, d. Joaquim José Vieira no valor de 500\$000 e também do major Antonio Correia de Lemos com a quantia de 10\$000. Aliviou-se a situação e por isto a Diretoria pôde providenciar a pintura da varanda principal.

Um aspecto social interessante destes primeiros tempos do Asilo é que muitos asilados não provém de classes humildes, mas de famílias de posse e por circunstâncias várias da vida, preferem ali residir. É o caso do sr. Ignácio Correia Pacheco, homem culto, de gestos refinados, com sua famosa bengala e orgulhando-se de ser um dos fundadores de Americana; o sr. Carmo Reis, pintor português, especialista em "crayons", artista de grande valor, discutindo sempre o ambiente artístico de Lisboa, onde chegara a participar de sua famosa Academia de Belas Artes. Era comum também o caso de melômanos, como o do italiano, Honorato Caraggio, violinista e admirador das composições de Verdi e Paganini. Deliciava a todos quando cantava trechos de ópera pelos corredores e pomar¹⁴. Nota triste deste ano foi o falecimento de Francisco Glicério um dos patriarcas da República, tendo muitos membros da Diretoria comparecido às suas exéquias.

No ano de 1917, graças aos trabalhos do engenheiro, Montesanti inaugurou-se o pavilhão das mulheres, denominado Joaquim Villac. Competia a elas todo o serviço da copa e cozinha e o fabrico de pães. Porém, devido ao encarecimento do trigo, os pães passaram a ser fornecidos pelas padarias do bairro. Deve-se ressaltar que a fazenda Boa Vista de propriedade do sr. Olimpico Lunardi, fornecia toda a lenha, trazida pelos vagões da Sorocabana.

Nesta ocasião instalou-se a primeira escola primária particular do Bairro e que funcionou numa sala anexa à residência de João Baptista

(14) Papéis avulsos de Luís Antonio Assumpção Leite.

Padovani, chacareiro que alugava parte das terras do Asilo, ali plantando frutas e hortaliças, as quais eram vendidas na cidade, com boa parte do lucro revertido para os cofres da Casa.

No ano de 1918, com a epidemia da gripe espanhola que assolou o país ceifando preciosas vidas, os asilados foram pouco afetados. Muitos faleceram de senilidade, mantendo-se, porém, a média de 150 pessoas. Nesta época deixou o mundo dos vivos o benemérito Joaquim Villac, grande benfeitor, caridoso, amigo leal e que fez parte da Diretoria desde a sua fundação.

Com o esgotamento dos depósitos do Banco Comércio e Indústria agravou-se a situação financeira da Casa. A gerência recusou-se a conceder novos empréstimos, alegando falta de segurança nos pagamentos. Imediatamente os títulos foram retirados do Banco e entregues em custódia ao Banco Italo-Belga com a aprovação da Assembléia Geral. Este Banco, de pronto, concedeu empréstimos no valor de 10\$000 para as necessidades imediatas. Entidades culturais como o Clube Semanal de Cultura Artística e o grupo "Monóculos e Lunetas" dedicam boa parte da renda de seus espetáculos à Instituição.

Em 1919, a 27 de março era inaugurada uma placa de mármore em memória de Joaquim Villac. Sua morte chocara a todos, especialmente Orosimbo Maia que via nele um companheiro dedicado e leal. Profundamente transtornado não teve mais ânimo em continuar na Diretoria. Por isso, na reunião de 27 de dezembro, pediu o afastamento, alegando que novos elementos poderiam renovar a contento o quadro administrativo. Entretanto, continuaria à disposição de todos para qualquer eventualidade.

Nova Diretoria empossou-se a 18 de janeiro de 1920. Artur Segurado, seu secretário, solicitou registro em ata de um voto de louvor e aplauso àqueles que tinham terminado o seu mandato.

Em 1972, passou o Asilo dos Inválidos por uma grande reforma; suas antiquadas instalações foram derrubadas para a construção de pavilhões melhores e modernos, passando a ser chamado de "Lar dos Velhinhos".

Atualmente o Lar é dirigido por João Augusto Benito Di Sirio, auxiliado pelas Irmãs de Jesus Crucificado. Consta de cinco pavilhões que recebem o nome de diversos países, em homenagem às colônias estrangeiras aqui instaladas, com alojamentos coletivos que abrigam de 12 a 20 pessoas cada, além de duas enfermarias, onde vivem uma terça parte do pessoal. Esta notável Instituição de caridade conta com mais de 200 idosos, contribuindo, assim, para torná-los mais felizes numa realidade menos penosa.*

(*) À época de nossa pesquisa era diretor do "Lar" o gerontólogo Dr. Flávio da Silva Fernandes, a quem testemunhamos nossos agradecimentos por ter franqueado documentação que permitisse a elaboração deste trabalho.